

# A recriação revolucionária da viagem de Ulisses por Natália Correia em *A Ilha de Circe*

The revolutionary recreation of Ulysses' journey by Natália Correia in *The Island of Circe*

Rui Tavares de Faria  
[rui.mv.faria@uac.pt](mailto:rui.mv.faria@uac.pt)  
Universidade dos Açores, CECH – Universidade de Coimbra  
Ponta Delgada, Portugal  
ORCID iD [0000-0002-0529-9107](https://orcid.org/0000-0002-0529-9107)

Artigo recebido em 2023-05-05  
Artigo aceite em 2023-12-20  
Artigo publicado em 2023-12-20

## How to cite

Tavares de Faria, R. (2023). A recriação revolucionária da viagem de Ulisses por Natália Correia em *A Ilha de Circe*. *LIT&TOUR – International Journal of Literature and Tourism Research (IJLTR)*, (2). <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/litntour/article/view/167>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

## Resumo

*A Ilha de Circe*, novela que Natália Correia publica em 1983, trata da viagem de férias da família Negrão à ilha da Madeira. Aí, Adriano, o filho, ainda jovem, além de se enfeitar de amores por uma mulher mais velha, precisamente a mãe de Ritinha, a que espera daquele rapaz uma correspondência de namoro, contacta com Emmeline Hurst, mais conhecida por “Miss Hurst”, uma octogenária inglesa residente na ilha da Madeira há largos anos. Escritora dedicada à investigação da Odisseia homérica, Miss Hurst desconstrói, numa tese revolucionária, a célebre viagem de regresso de Ulisses à sua pátria. É sobre esta fantástica – ou absurda – desconstrução que se debruça este artigo, no qual se mostrará como Natália Correia recria a tradição homérica através de Miss Hurst, a respeitada “odisseióloga”, como lhe chama o narrador e por quem a tomam as personagens em *A Ilha de Circe*. Neste sentido, apresenta-se uma análise comparativa entre os lugares por onde Ulisses passou, a partir da *Odisseia*, e aqueles que Miss Hurst defende terem sido, na sua perspetiva, as verdadeiras paragens do rei de Ítaca.

## Palavras-chave

Ulisses · Viagem · Realidade · Fantasia · Natália Correia

## Abstract

*The Island of Circe*, published in 1983 by Natália Correia, centres its action in the holiday trip of Negrão's family to the island of Madeira. Adriano, the young male son, is one of the main characters. He falls in love with an older woman, precisely Ritinha's mother, the girl who feels attracted to him. As a way of sedu-

cing her beloved, Adriano deals with the grownup people and takes acknowledge of Emmeline Hurst, known as “Miss Hurst”, an octogenarian English-woman who has lived on the island of Madeira for many years. As a writer dedicated to the investigation of the Homeric *Odyssey*, Miss Hurst deconstructs, in a revolutionary thesis, Ulysses’ famous return trip to his homeland. It is on this fantastic – or absurd – recreation that this essay will focus. We will show how Natália Correia reads the Homeric tradition through Miss Hurst, the respected “odysseyologist”, as the narrator calls her and by whom the characters of the story take her. A comparison between what can be found in the *Odyssey* and what Miss Hurst defends will be the main structure of our article.

### Keywords

Ulysses · Journey · Reality · Fantasy · Natália Correia

## 1. Introdução

A viagem de Ulisses tem sido alvo de considerações e estudos desde a Antiguidade. As dúvidas persistem, mas não deixam de suscitar o interesse dos investigadores, que se têm dedicado com maior afinco à análise da épica homérica, e de alimentar a imaginação de historiadores, geógrafos e poetas. É o que sucede com Natália Correia em *A Ilha de Circe*, novela publicada em 1983. Aí se opera uma desconstrução da viagem odisseica que, embora no âmbito da ficção literária, evidencia laivos de absurdo, tal é a recriação fantástica – e até paródica – a que a submete a autora açoriana.

À exceção de uma comunicação proferida, em 1997, no Colóquio “As Ilhas e a Mitologia”, e publicada no respetivo volume das atas, não temos conhecimento da existência de outros estudos sobre a recriação que Natália Correia faz do périplo de Ulisses. Nessa comunicação, Marcelino de Castro debruça-se sobre o encantamento passional a que é sujeito Adriano, o jovem rapaz que está de férias na Madeira, talvez uma operação transcendente da responsabilidade de Circe. Daí, o preletor parte para uma análise, não muito aprofundada, da perspetiva de Miss Hurst acerca da errância do protagonista da *Odisseia*, articulando-a com o enredo da novela, numa tentativa de mostrar como a “odisseióloga” e a sua teoria podem condicionar os acontecimentos narrados, por neles ela acabar por interferir, direta ou indiretamente.

Posto isso, cremos que se impõe agora uma reflexão exclusivamente dedicada ao processo recreativo a que é submetido o périplo de Ulisses na novela de Natália, o que exige naturalmente uma revisitação pormenorizada do imaginário homérico, pois só assim se torna possível destacar os elementos da *Odisseia* que são recuperados e reconfigurados sob o engenho de Natália Correia.

Deste modo, há que descrever e comentar a viagem de Ulisses, ao longo de cerca de uma década, após a vitória sobre Ílion, até à chegada a Ítaca, a terra natal, a partir do poema homérico. Depois, impõe-se analisar, ainda que de forma breve, a visão que os antigos desenvolveram acerca do périplo de Ulisses. É da confluência de todas essas heterodoxias que resulta, em boa parte, a recriação literária do périplo de Ulisses por Natália Correia em *A Ilha de Circe*.

Na verdade, a descrição que a personagem Emmeline Hurst faz da jornada do soberano de Ítaca apoia-se, por um lado, numa suposta série de estudos desenvolvidos por vários autores, tanto portugueses como estrangeiros, e, por outro, numa visão fantasiosa das aventuras de Ulisses, desconstruindo literariamente o percurso do herói e enriquecendo-o com uma dose considerável de imaginação, que chega a tocar a comicidade. Em *A Ilha de Circe*, realidade e fantasia, paródia e absurdo dão as mãos num amplo entendimento. É, pois, sobre este fenómeno que se inscreve a nossa reflexão.

## 2. O périplo de Ulisses

De acordo com a *Odisseia* e excluindo o ponto de partida e o destino final, a viagem de Ulisses integra doze paragens ou etapas<sup>1</sup>. É pelo próprio protagonista que o leitor e as personagens que o ouvem na corte de Alcínoo acedem ao relato descritivo da maior parte do périplo odisseico. A narrativa processa-se estando já Ulisses na última das suas paragens, prestes a pisar a terra natal, quando, depois de se ter emocionado com o canto do aedo Demódoco, ele decide desvendar a sua identidade ao rei dos Feaces e contar-lhe o que experimentou, desde que deixou Troia, ao longo de quase dez anos de errância pelos mares.

Depois de se nomear, Ulisses informa (*Od.* 9.39-40):

<sup>1</sup> Cf. Lukinovich, 1998.

De Ílion fui levado pelo vento até aos Cícones,  
até Ísmaro [...]²

Inicia-se o relato que preenche três cantos do poema homérico. O narrador conta a jornada que ele e os seus companheiros viveram. Se, nalguns casos, a narrativa é curta, sobretudo nos apeadeiros onde a frota se deteve pouco tempo, noutros, Ulisses narra, com minúcia e dinamismo, os vários acontecimentos que experienciou, permitindo aos seus ouvintes (e leitores) uma visão dos factos como se eles tivessem estado nos lugares que o herói descreve.

Da terra dos Cícones o viajante dá pouca informação. Sabe-se que é um território no continente, rico em vinho e gado (*Od.* 9.45) e habitado por homens valentes (*Od.* 9. 48). É breve a estadia de Ulisses e dos companheiros nesse local, pois os Cícones pretendem vingar-se dos saques que os forasteiros logo ali fizeram mal aportaram. Receando o pior, a armada parte. Mas a viagem que se segue parece não ter a bênção dos ventos nem das correntes marítimas; a frota do “divino Ulisses” vê-se atormentada por uma “tempestade sobrenatural” (*Od.* 9. 68), que desencadeia lamento e tristeza no herói (*Od.* 9.79-85):

E incólume teria eu regressado à minha terra  
pátria,  
se me não tivessem desviado do curso as  
ondas, a corrente  
e o Bóreas quando circum-navegava Maleia,  
para lá de Citera.  
Durante nove dias fui levado por ventos  
terríveis  
sobre o mar piscoso. Ao décimo dia desem-  
barcámos  
na terra dos Lotófagos, que comem alimento  
floral.  
Aí pisámos a terra firme e tirámos água doce.

À semelhança do primeiro desvio, também sobre a terra dos Lotófagos, Ulisses deixa poucas considerações; diz-nos apenas que a população se alimenta do fruto do lótus e que, por causa disso, parece viver alheada e esquecida de tudo (*Od.* 9.94-97). É novamente numa atitude de receio que o filho de Laertes

determina rápida a partida, para mais quando alguns dos companheiros, os que provaram o alimento floral, davam mostras de estarem enfeitiçados, estado que não augura um bom desfecho. A viagem deve, portanto, continuar (*Od.* 9.105-110):

Dali navegámos em frente, entristecidos no  
coração.  
Chegámos à terra dos Ciclopes arrogantes e  
sem lei  
que, confiando nos deuses imortais, nada  
semeiam  
com as mãos nem aram a terra; mas tudo  
cresce  
e dá fruto sem se arar ou plantar o solo:  
trigo, cevada e as vinhas que dão o vinho [...]

Sobre esta etapa do périplo, Ulisses detém-se com pormenor. É, de entre os relatos que dão conta das interrupções da viagem, o mais extenso, não só em termos descritivos, pois trata-se de um território singular, habitado por gigantes que têm um só olho e levam uma vida muito diferente daquela a que o herói e os companheiros estão habituados e sujeitos, mas também no atinente à caracterização do modo como Ulisses planeou a fuga daquele local hostil.

Tal como os lugares anteriores, a terra dos Ciclopes é fértil e tem gado. Ali há “altas montanhas” (*Od.* 9.113) e os habitantes vivem “em grutas escavadas” (*Od.* 9.114). Além disso, o que se apresenta ao redor do local onde a frota de Ulisses aportou parece evocar um tempo anterior, onde tudo brota naturalmente, sem o auxílio do trabalho humano (*Od.* 9.116-124, 131-135):

Ora existe uma ilha fértil, que se estende além  
do porto;  
da terra dos Ciclopes não fica perto nem  
longe.  
É bem arborizada e nela vivem cabras selva-  
gens  
em número ilimitado [...]  
Também não há rebanhos, nem terra cultiva-  
da;  
mas permanece sem ser semeada e arada,  
isenta  
de homens, alimentando as cabras balidoras.  
[...]

<sup>2</sup> Para as citações da *Odisséia*, segue-se a tradução portuguesa de Lourenço, [2003] (2018, reimpr. 2021).

pois a terra não é má: tudo daria na época própria.  
 Há prados junto às margens do mar cinzento, bem irrigados e amenos, onde as vinhas seriam imperecíveis.  
 A terra é fácil de arar; e na altura certa poder-se-ia ceifar excelentes colheitas, de tal forma rico é o solo por baixo.

A ideia de *locus amoenus*, tal como sugerida pela descrição que Ulisses faz daquela terra, logo se converte num episódio horrendo, a partir do momento em que o herói e um grupo de companheiros se tornam prisioneiros do antropófago Polifemo, que os ameaça de morte. Graças ao estratagema engendrado pelo filho de Laertes (*Od.* 9.347525), conseguem escapar com vida o astuto herói e os companheiros que não foram comidos pelo Cíclope.

Dali (*Od.* 10.1-4),

[a]portámos à ilha de Eólia, onde vivia Éolo, filho de Hipotas, caro aos deuses imortais,  
 numa ilha flutuante: em seu redor havia muralhas  
 de bronze inquebrantável e íngreme era o rochedo.

A partir desta paragem, o périplo de Ulisses é enriquecido por um número considerável de aventuras extraordinárias por mares e territórios desconhecidos. Embora tenham avistado Ítaca a partir dessa “ilha flutuante” (*Od.* 10.29), alcançá-la torna-se, doravante, cada vez mais difícil. Ajudada por Éolo, a frota parte rumo à terra natal, mas a desconfiança desabrida dos companheiros relativamente ao conteúdo do saco que o deus dos ventos havia dado a Ulisses desencadeia uma atitude que inverte o sentido da marcha. Afinal, dentro do saco estavam os ventos que, uma vez libertados inadvertidamente pelos marinheiros, desorientam a navegação e fazem a frota retornar à Eólia (*Od.* 10.54-55), de onde voltam a partir, mas desta vez expulsos (*Od.* 10.76) por Éolo, que vê na imprudência dos companheiros, ao soltarem os ventos, uma falta de respeito para com a sua hospitalidade e ajuda. O resultado que daí vem é de novo a errância (*Od.* 10.80-82):

Navegámos durante seis dias, de dia e de noite,  
 e no sétimo chegámos à lata cidadela de Lamo,  
 a Telépilo dos Lestrígonos [...]

Nesta terra, há (*Od.* 10.87-94)

um porto excelente, rodeado por rochedos escarpados, sem interrupção, de ambos os lados;  
 e projetam-se promontórios em posição oposta,  
 juntando-se numa boca de estreita entrada. Por aí todos entraram com suas naus recurvas,  
 que fundearam juntas no côncavo porto; pois nunca ali entrava onda alguma, grande ou pequena:  
 em redor reinava sempre uma acalmia luminosa.

Apesar de o cenário descrito ser novamente sugestivo do *locus amoenus*, é muito curta a estadia dos nautas. Os que habitam essa terra prazerosa são gigantes e, talvez temendo episódio semelhante ao que sucedera com o Cíclope Polifemo, Ulisses e os companheiros fogem e vão aportar “à ilha de Eeia, onde vivia Circe de belas tranças” (*Od.* 10.135-136). A ínsula é “terra de amplos caminhos” (*Od.* 10.149), veem-se “arvoredos do bosque” (*Od.* 10.150), avistam-se “veados de altos chifres” (*Od.* 10.158) e “lobos da montanha e leões” (*Od.* 10.212). Ulisses refere que “a ilha em si não é elevada” (*Od.* 10.196), mas isso não impede que seja uma “ilha frondosa” (*Od.* 10.212).

Nesta paragem, Ulisses, auxiliado por Hermes, escapa ao encantamento de Circe, que não poupa os companheiros de viagem do herói e os transforma em porcos. Mas o astuto filho de Laertes consegue que lhes sejam restituídas a forma e a natureza humanas. A figura que, de início, pretende enfeitizar toda a frota torna-se coadjuvante dos marinheiros errantes. É, na verdade, Circe quem indica a Ulisses que deve ir ao Hades e, ainda que tenham ficado todos apavorados com esta orientação, os viajantes cumprem a missão e partem rumo ao reino de Plutão (*Od.* 11.13-16):

A nau chegou às margens do Oceano de corrente profunda.

Aí ficam a terra e a cidade dos Cimérios,  
sempre debaixo de nevoeiro e de nuvens:  
nunca

os contempla o Sol resplandecente com seus raios.

A imagem que nos é dada do mundo dos mortos difere de todos os territórios por onde o protagonista e os seus camaradas já tinham então passado. Os cenários verdejantes e luminosos dos outros apeadeiros dão lugar a uma terra encoberta, fria e tenebrosa, uma terra onde, pela ausência de Sol e pela própria natureza, não há vida. Cumprida a missão, os nautas retornam à ilha de Circe para daí continuarem a jornada que, segundo prevê a feiticeira, ainda reserva à comitiva de Ulisses perigosos obstáculos.

Com efeito, “entretanto chegou rapidamente a nau bem construída à ilha das duas Sereias, pois soprava um vento favorável” (*Od.* 12.166-167). Mas é rápida a passagem. O desafio que se impõe a Ulisses é superado a custo. Tendo resistido ao canto daqueles seres sedutores, é a transposição de dois rochedos (*Od.* 12.260) a difícil etapa que se apresenta a toda a frota (*Od.* 12.234-243):

Navegámos então para os estreitos, gemendo.  
De um lado estava Cila; do outro, a divina  
Caribdis  
sugava de modo terrível a água salgada do  
mar.  
E quando a vomitava, fervilhava toda reme-  
xida,  
como um caldeirão por cima de um grande  
fogo;  
e alta caía a espuma sobre os picos de ambos  
os rochedos.  
Mas quando voltava a sugar a água salgada,  
parecia toda revolta por dentro; em redor do  
rochedo  
soava um barulho terrível e a terra se tornava  
visível,  
azul devido à areia.

A natureza monstruosa por que são tomadas essas duas rochas é causa de pânico; a superação do obstáculo implica a perda de alguns marinheiros, mas

Ulisses persiste e, após ter transposto o estreito, chega à Trinácia, “a ilha imaculada do deus”, onde “estavam as belas vacas de ampla frente e as robustas ovelhas de Hipérion, o Sol” (*Od.* 12. 260-263). Mau grado as advertências de Circe e de Tirésias relativamente a esse lugar, Ulisses e os companheiros aportam, depois de um percurso bastante tortuoso, à ilha “que aos mortais traz o deleite” (*Od.* 12.269).

A estadia nesta ilha constitui um ponto de viragem importante na jornada de Ulisses, pois aí ele perde todos os companheiros que até ao momento tinham sobrevivido ao longo da viagem. O facto de eles, imprudentes, terem comido o gado sagrado valeu-lhes uma punição do deus, a morte. O herói abandona a “ilha imaculada” de Hipérion, volta a atravessar o estreito imposto por Cila e Caribdis (*Od.* 12.426-446) e navega, errante, durante nove dias. Na décima noite, os deuses levam-no a Ogígia, terra onde vive “Calipso de belas tranças” (*Od.* 12.447-449). Sobre este lugar Ulisses não discorre no relato que faz a Alcino e à sua corte, porque já havia dado conta ao anfitrião da sua proveniência, quando aportara às margens da terra dos Feaces.

Contudo, em passagem anterior, o poeta da *Odisseia* descreve a ilha de Calipso (*Od.* 5.63-72):

Em torno da gruta crescia um bosque frondoso  
de álamos, choupos e ciprestes perfumados,  
onde aves de longas asas faziam os seus  
ninhos:  
corujas, falcões e tagarelas corvos-marinhos,  
aves que mergulham no mar em demanda de  
sustento.  
E em redor da côncava gruta estendia-se uma  
vinha:  
uma trepadeira no auge do seu viço, cheia de  
cachos.  
Fluíam ali perto quatro nascentes de água  
límpida,  
juntas umas das outras, correndo por toda a  
parte;  
e floriam suaves pradarias de aipo e de violeta.

Recupera-se o imaginário de uma paisagem idílica, como se Ogígia se apresentasse como uma recompensa para o herói errante que, até àquela etapa,

tanto havia sofrido. Agora, sozinho, parece que se lhe oferece um cenário paradisíaco, onde a variedade da fauna e a formosura da flora sugerem força e vitalidade. Calipso propõe a Ulisses a imortalidade em troca do seu amor; ele, porém, recusa tal condição. No fundo, ele está prisioneiro da ninfa e não pretende abdicar de uma missão que é superior a tudo quanto lhe é proposto e oferecido, isto é, regressar a Ítaca. Após cerca de sete anos e por instrução divina, é dada permissão de partida a Ulisses. E da ilha de Calipso o herói dá à “costa rochosa” da Esquéria (*Od.* 5.425), terra dos Feaces, onde é recebido e acarinhado por Alcínoo e a sua corte. Dá-se a última paragem antes de alcançar, finalmente, a ilha natal.

### 3. A desconstrução do périplo de Ulisses em *A Ilha de Circe*

O périplo de Ulisses, tal como apresentado na *Odisseia* e que aqui procurámos reproduzir, sempre suscitou a curiosidade e o interesse dos antigos. Até que ponto as paragens do astuto herói corresponderão a lugares concretos? A que terras conhecidas e cartografadas terá aportado efetivamente o filho de Laertes? Ou serão estes locais fruto da imaginação do poeta? Historiadores e geógrafos como Heródoto, Tucídides e Estrabão não foram indiferentes aos territórios que marcaram a viagem de Ulisses e as referências que conseguiram registar acabaram por dar crédito ao canto do poeta, pelo menos ao longo de muitos séculos. De um modo geral, os que na Antiguidade se dedicaram ao estudo da geografia da jornada do rei de Ítaca circunscrevem o périplo ao Mediterrâneo, propondo a costa norte-africana, o sul da Europa e algumas das inúmeras ilhas mediterrânicas como as terras às quais terão correspondência na realidade empírica as paragens de Ulisses<sup>3</sup>.

O processo recreativo que Natália Correia desenvolve em *A Ilha de Circe* assenta na desconstrução deste périplo. A primeira mudança implica a transposição da viagem que o herói faz, ao longo de cerca de dez anos, no Mediterrâneo para o Atlântico Norte, o que se revela, desde logo, como uma estratégia ousada e revolucionária. Por um lado, põe-se em causa uma tradição literária que perdura há mais

de vinte séculos e, por outro, desloca-se, ainda que sub-repticiamente, o que hoje chamamos de berço da civilização ocidental para o extremo oposto, como se a Grécia antiga e o mar Mediterrâneo fossem, afinal, Portugal e o oceano Atlântico.

Embora se possa pensar que entramos no domínio do absurdo ou do surreal, Natália desconstrói a jornada odisseica recorrendo a argumentos tidos por credíveis por alguns autores antigos e modernos e baseando-se em fontes literárias e históricas que levantam, de alguma forma, questões sobre a legitimidade do que têm investigado, ao longo de décadas, os estudiosos da *Odisseia*. É certo que se está no universo da ficção literária, mas, conforme nota Carlos Reis (2008: 25-30), é na realidade que o autor encontra amíúde o suporte para a criação artística. No caso de *A Ilha de Circe*, recupera-se um tópico controverso da tradição clássica, a viagem de Ulisses, e acentua-se a respetiva (in)verosimilhança através de uma desconstrução fantástica do que é narrado e descrito no poema homérico. Vejamos como.

#### 3.1. Emmeline Hurst, a respeitada “odisseióloga”

Em primeiro lugar, deve considerar-se a personagem Emmeline Hurst, da qual Natália Correia se serve para dar voz – e crédito ficcional – à tese revolucionária acerca do périplo de Ulisses, o dos mil ardis. Segundo a personagem Ritinha, “Miss Hurst é uma grande escritora. Respeitam-na muito aqui na Madeira. Por causa do périplo de Ulisses. Está a escrever um livro em que prova que a ilha de Circe é a Madeira” (Correia, 1983: 67). É este o seu cartão de visita. A “estrambótica inglesa” (Correia, 1983: 69) vive na ilha da Madeira há largos anos; a sua fama alimenta-se do facto de ela contemplar “no seu surpreendente itinerário de Ulisses outras terras que, com escândalo das versões académicas, ela identificava com as descrições de Homero” (Correia, 1983: 68). Mas, antes de centrarmos a atenção no que de excêntrico tem a proposta da estudiosa, impõe-se um comentário sobre a identidade ficcional da personagem.

Repare-se que se trata de uma mulher e não de um homem. Ao que se pôde apurar, do conjunto de investigadores, geógrafos e historiadores que se têm dedicado ao estudo da viagem de Ulisses, não há menção a nenhum elemento do sexo feminino. Aí reside um primeiro aspeto da recriação nataliana que é original: uma análise do périplo de um herói

<sup>3</sup> Para um aprofundamento das correspondências geográficas e históricas, *vide* as notas de Frederico Lourenço à tradução portuguesa da *Odisseia*.

masculino, que se faz acompanhar de outros tantos homens, é proposta e fundamentada por uma mulher. Em que pressupostos poderá assentar esta estratégia? Defensora acérrima da causa feminina, Natália Correia integra, no universo masculino que se debruça sobre as errâncias do filho de Laertes, uma “odisseióloga”, uma “grande escritora”, que não se refere às heroínas homéricas, mas põe em causa, à semelhança de alguns classicistas modernos, a tradição secular advogada por homens. No fundo, não é de todo despropositado ver-se, até certo ponto, na personagem de Miss Hurst o alter-ego da autora. Se tivermos em conta o prólogo da obra homónima onde se inclui a novela em análise, a autora adverte o leitor para a necessidade de se questionar a dimensão extraordinária que caracteriza os heróis, mas é destes heróis que depende o sucesso da novelística ou, pelo menos, da figuração que dele se encarrega o(a) autor(a):

A partir de hoje, se alguém me quiser encontrar, procure-me entre o riso e a paixão. Aí aprendo a arte de escrever pior do que usava encorajando convulsões do sentimento que enlouquecem a bitola dos pigmeus da funcionalidade; no que folgo de algo fazer por reintegrar nestes contos e novela o herói a que a ficção renunciou fazendo a colecta de casos que podem passar-se com qualquer um. Porque sendo o herói o indivíduo que encarna o que não acontece aos outros, esse extraordinário da vida, sem o qual o existir é sujeição aos privilégios da idiotia, a novelística sem heróis, ainda que estilizada em ajardinado exercício literário, não passa de um perfume para disfarçar o mau cheiro do rebanho (Correia, 1983: 11).

Por outro lado, o apelido “Hurst” parece atenuar a possível preponderância dada ao feminino. O sobrenome atribuído à inglesa é conhecido no mundo dos estudos helenistas: deve-se ao suíço André Hurst um número significativo de publicações sobre os poemas homéricos<sup>4</sup>; o classicista inicia, em 1969, a carreira académica na Universidade de Genebra e recebe o

<sup>4</sup> A propósito do percurso científico de André Hurst, vide Kolde, Antje; Lukinovich, Alessandra & Rey, André-Louis (2005). Liste des publications scientifiques d'André Hurst. *Recherches & Rencontres*, 22: 9-15.

título de “professor *ordinarius*” em 1983, precisamente no ano em que é publicada *A Ilha de Circe*. Haverá alguma relação entre esse classicista e a personagem Emmeline Hurst ou a própria Natália Correia? Mesmo que se trate de uma mera coincidência, cremos que deve ser considerada. De forma a impor maior credibilidade científica às palavras da octogenária inglesa radicada na Madeira, por que razão não lhe arranjar um sobrenome sugestivo, para mais se relacionado com o mundo académico dedicado ao estudo da Grécia antiga e da obra homérica?

Um último aspeto a ter em conta relativamente à *persona* de Miss Hurst diz respeito à sua nacionalidade. Quais terão sido os motivos de Natália quando escolheu para a personagem da novela uma inglesa e não uma respeitada estudiosa portuguesa? Sobre essa sua opção podemos propor algumas hipóteses. A ação narrativa ocorre na década de 50 do século passado, na Madeira, ilha portuguesa cujo turismo sempre registou um interesse particular dos mercados alemão e inglês, desde o século XVIII<sup>5</sup>. Acolhidos e respeitados pelos madeirenses, os britânicos assumem, desde cedo, uma presença social e política na Madeira, transpondo para essa região hábitos e costumes diferenciados. Miss Hurst seria apenas mais um exemplo do papel que os ingleses têm naquele quotidiano insular. Não esqueçamos, porém, que a tese revolucionária de provar que a ilha de Circe é, afinal, a Madeira coloca esse território português numa posição privilegiada, pois “o Matos diz que isso é muito bom para o turismo” (Correia, 1983: 67), o principal motor do desenvolvimento da atividade económica do arquipélago.

Por outro lado, a escolha de uma inglesa para dar voz a uma teoria excêntrica que questiona toda uma tradição literária e cultural pode comportar, também, uma intenção crítica por parte de Natália Correia. Considerando, novamente, a localização espaço-temporal em que decorre a ação de *A Ilha de Circe*, importa lembrar que são em número significativamente escasso as mulheres académicas que, em Portugal, durante as três décadas em que vigorou a ditadura salazarista, se destacaram no panorama intelectual contemporâneo. Esta seria uma denúncia implícita da situação a que está particularmente sujeita a mulher portuguesa durante o Estado Novo. Mas, se Natália estiver a ser irónica

<sup>5</sup> Vide Marujo, 2013.

ao dar voz a uma inglesa, ao invés de recorrer a uma portuguesa, quererá isto dizer que, no entender da autora açoriana, não havia, em Portugal, nenhuma mulher com a capacidade imaginativa e a ousadia científica da “odisseióloga” Miss Hurst<sup>6</sup>.

### 3.2. A tese revolucionária de Miss Hurst

A “extravagante investigadora” começa por afirmar que aceita o início da viagem de Ulisses, isto é, considera o desvio da rota da Citera que leva os nautas para a terra dos Lotófagos, região identificada com a Líbia; “até aqui nada tenho a opor aos geógrafos da *Odisseia*” (Correia, 1983: 70), refere Miss Hurst. A partir deste momento não só o leitor entra no mundo de fantasias da inglesa, como é estimulado a pensar sobre as correspondências (in)verosímeis que a personagem faz entre o que consta do poema homérico, o que ao longo dos séculos se escreveu sobre o périplo de Ulisses e o que ela própria toma como sendo certezas irrefutáveis, apoiando-se em referências e correlações textuais sobre as quais nos debruçaremos, depois de explicitar a desconstrução fantástica que ela faz da jornada odisseica.

Assim sendo, a terra dos Ciclopes não se localiza na Sicília, mas no arquipélago das Canárias: Forteventura é a ilha onde “está o Porto de Cabras a assinalar o sítio onde Ulisses, ao desembarcar, depara com um incontável número destes malcheirosos ruminantes” (Correia, 1983: 71), e Tenerife, a morada de Polifemo. Daí a comitiva foge, errante, para o sul do arquipélago espanhol, ultrapassando, inclusivamente e com a dificuldade que os marinheiros portugueses de outra era enfrentaram, o cabo Bojador, até aportarem à Eólia. Miss Hurst defende que a ilha de Éolo “é uma metáfora homérica. Uma ilha flutuante, assim a descreve o poeta. Tanto basta para inutilizar a absurda identificação da Eólia com Stromboli, como nos querem impingir os casmurros advogados da geografia mediterrânica da *Odisseia*” (Correia, 1983: 72). A Eólia de Emmeline Hurst é, afinal, Tungubutu (ou Tombuctu), cidade localizada a sul do Saara.

<sup>6</sup> A dar-se crédito a esta ironia, Natália ter-se-á esquecido de que Portugal conta, a partir da década de 50, com uma classicista de renome, Maria Helena da Rocha Pereira, Professora Catedrática da Universidade de Coimbra desde 1964, que, à altura da publicação de *A Ilha de Circe*, somava já um número considerável de publicações sobre os poemas homéricos.

Segue-se a equiparação do país dos Lestrijões<sup>7</sup> (Lestrigones) com a Serra Leoa. A “odisseióloga” nataliana rejeita a identificação que os geógrafos fazem desta paragem no périplo de Ulisses com a Sardenha ou outra ilha do Mediterrâneo. E a fantasia continua, levando, depois, o rei de Ítaca e os seus companheiros ao domínio de Circe, que mais não é do que a ilha portuguesa da Madeira. Quanto à terra dos Cimérios, porta de entrada no reino do Hades, a investigadora diz tratar-se de “outra metáfora do poeta” (Correia, 1983: 75), mas, ao contrário da sugestão que antes apresenta para a localização metafórica da ilha flutuante de Éolo, ela não determina geograficamente onde possa situar-se o mundo dos mortos. Assim, e resolutamente, Emmeline Hurst exclui da sua teoria o Hades e deixa “aos caprichos da imagética do nosso aedo o reino sombrio dos Cimérios” (Correia, 1983: 75).

Do arquipélago madeirense Ulisses e a sua comitiva seguem para o arquipélago açoriano, onde Santa Maria corresponde, segundo a imaginação da inglesa, à ilha das Sereias. E pelos Açores permanece a frota e aí enfrenta o canal marítimo configurado pelas ilhas de São Jorge e do Pico, que são respetivamente Cila e Caribdis. “No centro das curvas traçadas pelas perturbações atmosféricas geradas no Atlântico que deflagram medonhas borrascas” (Correia, 1983: 77), os marinheiros acabam por desembarcar nas Flores, “ilha de pastos tenros sobre os quais Hélios, o sol, se derrama em ouro” (Correia, 1983: 77). O herói e os companheiros alcançam o extremo ocidente do arquipélago.

Daí Ulisses navega sozinho e percorre o mar açoriano até à “ilha remota, [a que] chama Homero a Ogígia. Trata-se, com preclara evidência, de São Miguel” (Correia, 1983: 78), assevera Miss Hurst. Aí permanece o filho de Laertes até que Calipso o liberta e lhe permite a construção de uma jangada, a qual não o levará, ainda, para a terra natal, pois Posídon desencadeia

<sup>7</sup> Verifica-se uma inconformidade ortográfica, por parte de Natália Correia, na tradução portuguesa dos nomes que identificam o povo dos Lestrigones e da Lestrigónia. Em *A Ilha de Circe*, estes termos surgem como Lestrijões e Lestrijónia. Podem apontar-se as seguintes razões para esta ortografia: 1. a autora não interpretou corretamente os vocábulos gregos; 2. não havia, à data da publicação da novela, um prontuário ortográfico dos nomes próprios gregos traduzidos para língua portuguesa.



uma tempestade que arrasta Ulisses para a foz do rio Tejo, Lisboa. Este é o território dos Feácios<sup>8</sup>, governado por Gorgoris, rei da Lusitânia, o equivalente ao Alcínoo homérico. A recriação da odiseiologia de *A Ilha de Circe* encerra com uma extorsão de tom patriótico, como se a inglesa agora se orgulhasse de ter restituído a Portugal a glória antes reclamada por Fernando Pessoa em “Ulisses”, poema de *Mensagem*:

Devolvo-vos, amigos, a decantada Ulisseia, a vossa Ulissipo que Solino Marciano Capela e Santo Isidoro de Sevilha dão como fundada pelo leão dos Mares da *Odisseia*. E aqui termina a minha luminosa descoberta, já que, do país dos Feácios, Ulisses regressa aos braços níveis da fiel Penélope (Correia, 1983: 80).

A desconstrução fantástica que se opera da viagem de *nostos* do herói grego é suportada por uma série de argumentos para os quais Miss Hurst tem sempre os exemplos devidos, ainda que no universo da ficção nataliana. Não se trata de transpor do Mediterrâneo para o Atlântico os *topoi* por onde Ulisses navegou assim, do nada. Do mesmo modo que autores antigos se debateram sobre a verosimilhança destes lugares, sendo, ao longo dos séculos, secundados e/ou contrariados por outros estudiosos, também Natália Correia decide entrar para o debate sobre o périplo de Ulisses, através da personagem Emmeline Hurst.

Com efeito, a investigadora inglesa vai fundamentando a sua proposta, recorrendo a: 1. comparações entre o texto homérico e as terras concretas que ela pensa terem sido as paragens de Ulisses; 2. testemunhos/investigações de autores estrangeiros e portugueses; e 3. à fantasia para recriar tópicos do mundo antigo associados à *Odisseia*. Importa, neste sentido, analisar/comentar cada uma dessas estratégias.

As comparações entre os lugares descritos pelo poeta da *Odisseia* e por Ulisses, no relato que faz da sua jornada a Alcínoo, e os apontados por Miss Hurst assentam, sobretudo, em elementos geográficos e em aspetos relativos à fauna, à flora e até a certos apetrechos decorativos desses locais. Na verdade, o porto de cabras, o cenário montanhoso (*Od.* 9.116-124, 181-186) e a referência ao fumo a subir que Ulisses e os companheiros avistam (*Od.* 9.166-167) são evoca-

dos pela investigadora para justificar a identificação que ela propõe desta paragem com as Canárias, evidenciando o “Porto de Cabras” que se encontra em Forteventura e “a altíssima ponta que, no meio de Tenerife, continuamente arde. Cá temos a chaminé vulcânica da oficina dos ciclopes, os forjadores do raio de Zeus que a estultícia pseudo-erudita coloca no Etna” (Correia, 1983: 71).

É também por meio daquilo que salta aos olhos do viajante quando se aproxima de uma dada terra por mar que a inglesa associa a ilha de Circe à Madeira: “As borrascas vagas arrebatam Ulisses para as vastidões atlânticas. [...] Mas são os alcantilados negrimes de Eeia que Ulisses acomete. A Madeira. Penedos que os marinheiros de Zarco, benzendo-se, tomaram por monstros” (Correia, 1983: 74). A imponência das elevações rochosas e as densas florestas madeirenses são elementos importantes para a determinação da estudiosa; e a escuridão causada pelas grandes copas arbóreas evoca a morada da feiticeira (cf. *Od.* 10.148-150), como recorda Emmeline Hurst:

Amigos, é Circe que nos hospeda nesta Pamir do vinhoso Oceano. Onde se encontram vales mais dignos dos paços de Circe? Porque é num vale de umbrosos mistérios que Homero situa o palácio da Maga. Onde as espessas florestas de que fala o poeta, se não as desta ilha de legnami onde os descobridores portugueses não acharam um palmo de terra que não estivesse coberto de enormes árvores? Onde os fumos que se elevam dos largos caminhos de Eeia, se não estas fumaceiras que correm por amplidões imensas? Querem os esbulhadores da *Odisseia* convencer-nos de que em Terracina, no acanhado mar Tirreno, encontrareis os restos miseráveis do reino de magia que durante um ano reteve Ulisses no leito magnífico de Circe? Mandai-os ao diabo. Embrenhai-vos no bruxedo destas matas pretas onde mal penetram os raios do Sol. Subi a estes píncaros enfronhados em névoas douradas. Respirai este ar embalsamado de lânguidas flores que se sucedem como os frutos (Correia, 1983: 74-75).

A mesma estratégia se opera na associação da ilha das Flores à morada do Sol e da ilha de São Miguel à Ogígia. No caso da primeira, são os “pastos tenros”

<sup>8</sup> Vide n.º 7.

e as “gordas vacas” os elementos recuperados da descrição homérica para caracterizar aquele “regalo atlântico de inigualáveis pastagens” (Correia, 1983: 77). Em relação a São Miguel, “as árvores tão altas que parecem abraçar o céu, assombro dos descobridores portugueses, são as mesmas que Homero diz serem em Ogígia tão elevadas quanto o firmamento” (Correia, 1983: 78). Mas a investigadora vai mais longe no universo lendário, quando refere que

[f]oi para assinalar, nesse verdejante éden do Atlântico, o país onde Calipso oferecia aos heróis os sete dons da imortalidade que os portugueses puseram o nome de Sete Cidades às belezas que se aninham na concha de um deslumbrante vale, numa paisagem suspensa do prodígio (Correia, 1983: 78).

Noutro contexto, o de associar, por meio de objetos de decoração, os *topoi* da *Odisseia* às suas propostas, quando Miss Hurst evoca a ilha de Éolo, equiparando-a a Tungubutu, “o paraíso do ouro arábico” (Correia, 1983: 73), destaca-se que a magnificência daquela terra se ajusta

à descrição dos tapetes preciosos e aos leitos de riquíssima talha em que os marinheiros repousam nos paços luxuosos de Eólia. Ou sejam, as delícias que Tungubutu lhes oferta, uma vez adotado o humor do rei dos ventos. E a demonstrar que Ulisses pisou esse éden aurífero lá estão os presentes de ouro que o Odisseu teria trazido da Eólia, como suspeitavam os seus invejosos marinheiros (Correia, 1983: 72).

A mesma exuberância é atribuída à Madeira, a ilha de Circe, terra de “assombros e deleites. Argêntas mesas, tapetes de púrpura, açafates de ouro, generosos vinhos em crateras de prata” (Correia, 1983: 74).

Por outro lado, os perigos que a frota de Ulisses enfrenta no Atlântico Norte também têm as devidas correspondências, segundo Miss Hurst. Para os rochedos Cila e Caríbdis, a investigadora aponta, respetivamente, as ilhas açorianas de São Jorge e Pico, interpretando a descrição homérica (*Od.* 12.234-243) como uma equivalência às erupções vulcânicas insulares e às condições de navegação por entre o

estreito formado por essas duas ilhas, as quais podem ser bastante adversas:

É entre estas duas ilhas que se estreitam, em canal, as águas que despenham os mareantes em espantosas tochas. De um lado o Pico, a monstruosa Caríbdis, que toca o vasto céu com seu vértice pontiagudo envolvido por nuvens negras. O vulcão que vomita procelas de pernicioso fogo. Do outro, São Jorge, cuja dantesca formação de rochas, lembrando um monstro antediluviano, é a ladradora Cila. Frente a frente, como diz Homero, e não no estreito de Messina onde Caríbdis se acha a duas horas e meia de Cila. Mas há mais: o vértice refervente que, três vezes por dia, expele a água escura e outras vezes absorve de um modo horrível. O impudor científico situa-o no Mediterrâneo. Mas como? Se para vergonha dos néscios oceanógrafos da *Odisseia*, ali não há marés. Onde então as mudanças de correntes que fazem turbilhonar o mar bravo em redemoinhos desmedidos e negros? Eu respondo: nas tremendas vagas apocalípticas que em dias de borrasca se enraivecem nesse canal atlântico açoriano. Pois não é aí, no centro das curvas traçadas pelas perturbações atmosféricas geradas no Atlântico que deflagram medonhas borrascas, com velocidades que atingem vinte e duas milhas por horas? (Correia, 1983: 76-77).

Ora, para suportar a sua tese revolucionária, além dos argumentos por comparação atrás analisados, a extravagante inglesa também recorre a argumentos de autoridade, quando evoca e cita o contributo de estudiosos e escritores, portugueses e estrangeiros, fazendo referência às obras que apoiam, de certa forma, a desconstrução fantástica do périplo de Ulisses que ela se encarrega de relatar e propagar. Os vários nomes e obras nos quais Miss Hurst encontra fundamento para a sua teoria pertencem a épocas e a domínios do saber diversos, pese embora o predomínio de historiadores e geógrafos.

Assim sendo, é a descoberta de Lafanechère – e não Lafechenechère, como surge grafado em *A Ilha de Circe*<sup>9</sup> – que sustenta a identificação do território habitado

<sup>9</sup> Não se sabe se é gralha tipográfica ou erro.

pelos ciclopes como sendo o arquipélago espanhol das Canárias, dada a sua proximidade com o extremo-sul da costa marroquina. Segundo a investigadora,

[e]ste aliado involuntário da minha teoria descobriu, em Suz, machados que pesam oito quilos. Só ciclopes os podiam manejar. Ora Suz fica no extremo meridional de Marrocos. Mesmo em frente das Canárias. Claro. O arquipélago onde se situa a ilha do horrendo Polifemo, que, segundo Homero, se encontra nem longe nem perto da terra dos ciclopes (Correia, 1983: 71).

Na verdade, são da autoria de Lafanechère artigos e notas sumárias publicados, durante as décadas de 50 e 60 do século XX, no *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, que dão a conhecer a descoberta de utensílios de uso comum pelas civilizações pré-históricas, como flechas, lanças, martelos e outros objetos em pedra. Apesar disso, não conseguimos apurar, pela leitura dos artigos consultados, se foram ou não encontrados machados com o peso de oito quilos, conforme refere a personagem nataliana a propósito dos achados do explorador francês.

Mas é provável que o assunto tenha despertado interesse e polémica junto da comunidade científica, porque Jean-Paul Morel publica, em 1955, também no *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, um artigo intitulado “À propos des pièces préhistoriques géantes et du gigantisme”, onde afirma que “les outils de dimensions exceptionnelles répondaient à des besoins particuliers et ils n’impliquent pas nécessairement le gigantisme des hommes qui les ont façonnés ou utilisés” (Morel, 1955: 210). Perante esta consideração fica, portanto, comprometido o objetivo da odisseióloga nataliana, quando se socorre dos achados de Lafanechère para sustentar a sua tese.

Ainda em relação à terra dos ciclopes, não querendo deixar-se ficar pelas descobertas arqueológicas de Lafanechère, talvez, quem sabe se à semelhança de Morel, por Miss Hurst não lhe reconhecer, no fundo, total credibilidade, a investigadora evoca o navegador e explorador veneziano Cadamosto (1432-1488), que a ajuda na identificação da morada de Polifemo com a ilha de Tenerife, nas Canárias:

Diz na sua *Viagem* que é uma das mais altas ilhas do mundo habitada por gentes ferozes

que se matavam como feras e viviam em grutas e cavernas na montanha. Compare-se com o relato de Ulisses: “Na gruta habitava um gigante que vivia solitário...” Por fim, a altíssima ponta que, no meio de Tenerife, continuamente arde. Cá temos a chaminé vulcânica da oficina dos ciclopes, os forjadores do raio de Zeus que a estultícia pseudo-erudita coloca no Etna (Correia, 1983: 71).

O mesmo sucede com o “país dos Lestrijões”, que a octogenária inglesa localiza na Serra Leoa; e aí apoia-se no testemunho de Vasco da Gama (1469-1524), quando este narra ao rei de Melinde a viagem que a frota portuguesa fez até alcançar a costa ocidental de África, citando o primeiro verso da estância 6 do Canto V de *Os Lusíadas*. E para reforçar a sua perspectiva, a investigadora evoca, ainda, Duarte Pacheco Pereira (1460-1533),

que no seu *Esmeraldo de situ orbis* me dá caradas de razão quando refere que os habitantes da costa azenegue se entregavam à gastronomia fraternal de comer os seus semelhantes. Outro tanto nos diz o cantor da *Odisseia*: os Lestrijões cortavam os homens como se fossem peixes, levando-os às postas para um doloroso banquete (Correia, 1983: 73).

Transposto o périplo de Ulisses do Mediterrâneo para o Atlântico, Miss Hurst continua a recorrer a considerações de renomados autores, ora para contrariá-las, ora para enquadrá-las como exemplos ilustrativos da sua tese. Neste sentido, ainda que reconheça mérito na indução do geógrafo Alexander von Humboldt (1769-1859), que identifica a ilha da Madeira com a terra dos Feaces, opondo-se às “garras da tese mediterrânica” (Correia, 1983: 75), a odisseióloga de *A Ilha de Circe* não a reconhece como válida; não apresenta ela, porém, qualquer argumento que sustente a sua posição, sem ser a sua própria capacidade excêntrica e recreativa da viagem odisseica.

Uma vez em águas açorianas, onde se encontram Cila e Caríbdis, a inglesa, querendo evocar criaturas monstruosas do domínio de Posidon, alude aos lobos-marinhos que, segundo o historiador micaelense Gaspar Frutuoso (1522-1591), “abundavam então nas

costas açóricas” (Correia, 1983: 75), e convida-nos a ouvir Raul Brandão (1867-1930), que, na obra *Ilhas Desconhecidas*, narra o seguinte:

Outras vezes os marinheiros distinguem, movendo-se até ao horizonte no circo de lava, bocas abertas mostrando os dentes e, nas volutas que se aproximam e ameaçam subvertê-los, figuras trágicas e braços estendidos que tentam agarrar os homens amarrados aos mastros (Brandão, 1926, citado por Correia, 1983: 77).

Além dos testemunhos atrás referidos, Miss Hurst refere, ainda, a não menos revolucionária tese de Sampaio Bruno (1857-1915) acerca do périplo de Ulisses. Ora, este escritor, ensaísta e filósofo português tenta demonstrar, na obra *Teoria Nova da Antiguidade*, que Victor Bérard (1864-1931), estudioso de Homero, está equivocado quando afirma, em *Les Phéniciens et l’Odyssée*, que as viagens de Ulisses se desencadearam integralmente no Mediterrâneo. Mais ousado do que Miss Hurst, Sampaio Bruno traslada para o Oceano Pacífico e para a América do Norte as aventuras do rei de Ítaca. Remata a investigadora da novela nataliana que,

seduzido pelas enganosas baleias, quis Sampaio Bruno arpoá-las, com a sua hiperbólica tese, no estreito de Bering, onde realmente enxameiam. Fora Sampaio Bruno mais modesto e um pouco mais nacionalista e caber-lhe-ia a honra de identificar Cila e Caríbdis com São Jorge e Pico. É entre estas duas ilhas que se estreitam, em canal, as águas que despenham os mareantes em espantosas tochas (Correia, 1983: 76).

Quanto à Ogígia, que a extravagante inglesa aponta como sendo a ilha açoriana de São Miguel, assinala-se o seguinte:

É nesse paraíso atlântico de prados macios que Calipso retém sete anos o imbatível Ulisses. Sete anos. Aqui toda a vossa atenção é pouca. Os sete dons da imortalidade. E preparai-vos para outra grande surpresa. Antília! A ilha fantástica das Sete Cidades, que a cartografia dos séculos XV e XVI situava no Atlântico Ocidental a oeste de Portugal. Buscavam-na os portugueses quando

navegaram para o poente. E acharam-na. A sua latitude concordava com a notícia dos mapas antiquíssimos que o Infante possuía. Pois é nessa vetusta cartografia transmitida pelos Templários aos Cavaleiros de Cristo que a nossa Ogígia figurava na mesma latitude em que os mapas dos séculos XV e XVI situavam a Antília das Sete Cidades (Correia, 1983: 78).

Apesar de não serem aqui mencionados autores nem obras onde a hipótese de identificação da ilha de Calipso com São Miguel mereça ser considerada, sem ser a referência aos “mapas antiquíssimos que o Infante [D. Henrique] possuía” e à “vetusta cartografia transmitida pelos Templários aos Cavaleiros de Cristo”, impõe-se um breve comentário acerca desta desconstrução geográfica. Plutarco, em *De faciae in orbe Lunae* 26, refere que

[a] ilha Ogígia está no meio do mar, cinco dias a oeste da Grã-Bretanha e há três outras ilhas igualmente afastadas desta e uma da outra, que são mais opostas às visitas do Sol no verão<sup>10</sup>.

Baseadas nesta informação, muitas foram as conjecturas que, ao longo dos tempos, se levantaram. Por exemplo, o historiador irlandês Roderick O’Flaherty (1629-1718) defende que a Ogígia é a Irlanda; o alemão Richard Henning (1874-1951), a ilha da Madeira; e a arqueóloga norte-americana Henriette Mertz (1896-1985), uma ilha açoriana. Perante esta variedade de suposições, a tese de Miss Hurst não é assim tão absurda.

Sobre a equiparação da corte de Alcínoo com a cidade de Lisboa, a odisseióloga nataliana recorre à *Monarquia Lusitana*, de Frei Bernardo de Brito (1569-1617), que faz alusão “à memorável presença de Ulisses nas lusitanas plagas” (Correia, 1983: 79), e aos testemunhos, cuja proveniência escrita não surge identificada, de Ateneu (170-223), de Diodoro da Sicília (c. 90-30 a.C.), de Marciano Capela (360-428) e Santo Isidoro de Sevilha (c. 560-636), os quais caracterizam o território lusitano, e em particular a cidade de Lisboa, com traços de que a inglesa se apropria para o identificar com a Feácia.

<sup>10</sup> A tradução é da nossa autoria.

À defesa da tese revolucionária de Emmeline Hurst junta-se uma dose considerável de fantasia. Apesar das relações intertextuais que atrás analisámos e das referências a estudiosos – historiadores, geógrafos, navegadores, etc. – que a personagem de *A Ilha de Circe* faz para robustecer a sua teoria, o périplo de Ulisses é desconstruído de forma extravagante. A isso se presta, na verdade, a ficção literária. Mas, do conjunto de hipóteses e devaneios de Miss Hurst, o que sobressai como sendo mais fantástico ou absurdo? Na nossa perspetiva, a ligação de cinco das nove ilhas açorianas aos pontos por onde Ulisses terá passado constitui uma recriação deveras excêntrica. Contudo, parece-nos evidente que o intuito da autora de *A Ilha de Circe* tenha sido não protagonizar a ilha da Madeira, mas sim o arquipélago açoriano, de onde é natural.

identificada com a Madeira, a autora entendesse intitulá-la “A Ilha de Calipso”, que é São Miguel, o seu berço, será que o périplo de Ulisses seria desconstruído de outra forma?

#### 4. Conclusão

A desconstrução fantástica que se faz do périplo de Ulisses na novela *A Ilha de Circe* de Natália Correia é um processo recreativo da tradição literária que resultou, no nosso entender, original e interessante. É indiscutível o trabalho de investigação que a autora desenvolveu, com o objetivo de dotar a personagem Miss Hurst da competência necessária – e excêntrica – para reelaborar a viagem odisseica, através de uma fundamentação que assenta, pelo menos, em três vertentes.

O relato que é feito da jornada de Ulisses segue a ordem da narrativa homérica. Pela voz da investigadora inglesa, Natália Correia mostra-se leitora atenta da *Odisseia*, destacando os elementos que interessam à ficção literária, e evidencia deter conhecimento da tradição épica clássica e de outros *topoi* relativos ao mundo antigo. Deve reconhecer-se, portanto, que Natália Correia se documentou sobre a problemática que integrou na novela supostamente dedicada aos amores do jovem Adriano. Na verdade, por meio de Emmeline Hurst, não se limita a fantasiar a errância de Ulisses; Natália mostra ter conhecimento da viagem odisseica, através das fontes originais, antes de a submeter ao processo da recriação artística.

Por fim, há que realçar também a veia insular de Natália na recriação da viagem do herói homérico. É como se aos nascidos numa ilha – Natália Correia em São Miguel e Ulisses em Ítaca – fosse dado o direito de melhor compreender a noção do *nostos*. Se, ao invés de intitular a novela de *A Ilha de Circe*,

### Referências bibliográficas

- [1] Castro, Marcelino de (1997). Magia e Encantamento na ‘Ilha de Circe’, de Natália Correia, ou o *Périplo de Ulisses segundo Miss Emmeline Hurst*. In *Livro de comunicações do colóquio “As Ilhas e a Mitologia”* (pp. 65-75). Funchal: Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal.
- [2] Correia, Natália (1983). *A ilha de Circe*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- [3] Kolde, Antje; Lukinovich, Alessandra & Rey, André-Louis (2005). Liste des publications scientifiques d’André Hurst. *Recherches & Rencontres*, 22, 9-15.
- [4] Lafanechère, Roger (1960). Contribution à la connaissance de la Préhistoire dans la région de Taza (Maroc). *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, 57(1-2), 56-63.
- [5] Lafanechère, Roger (1953). Quelques pièces néolithiques curieuses de l’Extrême-Sud Marocain. *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, 50(3), 178-180.
- [6] Lourenço, Frederico [2003] (2018, reimpr. 2021). *Odisseia. Homero*. Lisboa: Quetzal Editores.
- [7] Lourenço, Frederico (2009). Utopia e distopia no imaginário homérico. In Maria de Fátima Silva (Coord.), *Utopias e distopias* (pp.21-25). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- [8] Lukinovich, Alessandra (1998). Le cercle des douze étapes du voyage d’Ulysse aux confins du monde. *Gaia: Revue Interdisciplinaire sur la Grèce Archaique*, 3, 9-26.
- [9] Marujo, Noémi (2013). O desenvolvimento do turismo na ilha da Madeira. *TuryDes. Revista de Investigación en Turismo y Desarrollo Local*, 6(15), 1-16.
- [10] Morel, Jean (1955). À propos des pièces préhistoriques géantes et du gigantisme. *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, 52(3-4), 210-213.
- [11] Reis, Carlos [1995] (2008). *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Almedina.
- [12] Sebastiani, Breno Battistin (2014). Políbio e a viagem de Odisseu pela Sicília: Intertextualidade, memória e entendimento. In Breno Battistin Sebastiani; Christian Werner & Antonio Orlando Dourado-Lopes (Orgs.), *Gêneros poéticos na Grécia antiga. Confluências e fronteiras* (pp. 205-218). São Paulo: Humanitas.
- [13] Serra, João Pedro (2018). A viagem de Ulisses ou encontrar os monstros e conhecer os homens. In Fernanda Mota Alves; Gerd Hammer & Patrícia Lourenço (Eds.), *Identidades em trânsito* (pp. 13-25). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.